

A FANFICTION TRANSFORMATIVA DE *OS MISERÁVEIS*, DE VICTOR HUGO: OS "AMIGOS DO ABC" REIMAGINADOS

VICTOR HUGO'S *LES MISERABLES* AND ITS TRANSFORMATIVE FANFICTION:
LES AMIS DE L'ABC, REIMAGINED

Letícia Batista Dornelas

Especialista em Estudos Literários e Ensino de Literatura pela Universidade Federal de Goiás - UFG (Goiânia/Brasil).
Professora na Secretaria Estadual de Educação de Goiás - SEDUC (Rio Verde/Brasil).
E-mail: leticia.dornelas13@gmail.com

Natasha Vicente da Silveira Costa

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP (Araraquara/Brasil).
Professora na Universidade Federal de Jataí (Jataí/Brasil).
E-mail: nvscosta@gmail.com

Recebido em: 8 de março de 2024
Aprovado em: 15 de junho de 2024
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
BCIJ | v. 4 | n. 2 | p. 160-175 | jul./dez. 2024
DOI: <https://doi.org/10.25112/bcij.v4i2.3708>



RESUMO

Com vários anos de história, a *fanfiction* (ficção escrita de fãs para fãs) evoluiu para se tornar um gênero literário, com convenções narrativas e vocabulário específicos. Desde o começo da sua existência, ela levantou dúvidas e controvérsias sobre sua legitimidade enquanto adaptação. Esse trabalho analisa, de forma comparativa, o romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo (1862), e três obras de *fanfiction* nele baseadas. Comparamos o romance com três trabalhos de *fanfiction* em universo alternativo contemporâneo, publicados entre 2014 e 2015. A hipótese deste trabalho é que a caracterização de personagens nos trabalhos de *fanfiction* é um dos recursos que contribuem para a adaptação transcultural da obra canônica. Procuramos refletir, especificamente, sobre como o grupo revolucionário chamado por Victor Hugo de “os amigos do ABC” se transforma em reimaginações contemporâneas, considerando o panorama de movimentos sociais dos anos 2010. Para basear a pesquisa, utilizamos os conceitos de adaptação de Hutcheon (2013) e Sanders (2006). Recorremos também aos estudos sobre *fanfiction* e à fortuna crítica de *Os Miseráveis*. Concluimos que a escrita coletiva das *fanfictions* de *Os Miseráveis* não é meramente derivativa e sim transformativa, unindo o material original às adaptações midiáticas e à construção coletiva dos fãs. Na comparação, percebemos que a *fanfiction* reinventa aspectos do texto para sua audiência, ressignifica e expande elementos narrativos para refletir sobre desigualdades. Vimos que a construção desses personagens e de seus círculos sociais é influenciada tanto pelo texto original quanto pela realidade dos fãs-escritores. Entendemos, enfim, os trabalhos de *fanfiction* como transformativos, adaptando transculturalmente a obra-base.

Palavras-chave: Estudos de adaptação. Estudos de *fanfiction*. Literatura anglófona.

ABSTRACT

In its many years of history, fanfiction (fiction written by fans, for fans) has evolved to become its own literary genre, with specific narrative conventions and vocabulary. Since its beginnings, it has started controversies about its legitimacy as adaptation. This work analyses comparatively Victor Hugo's 1862 novel *Les Misérables* and fanfiction works based on it. This work's hypothesis is that the characterisation in fanworks is one of the resources for the transcultural adaptation of the canonic work. While comparing the novel with three “contemporary AU” fanfictions, published between 2014 and 2015, we sought to define the fanfiction as transformative, making transcultural adaptations of the novel. We specifically reflected about how Hugo's revolutionary group “Les Amis de L'ABC” is transformed in the contemporary reimagination, considering the panorama of social transformations in the early 2010s. To anchor the research, we utilised Hutcheon's (2013) and Sanders' (2006) concepts on adaptation. We also resorted to fanfiction studies and scholarship on *Les Misérables*. During the comparison work, we could see that fanfiction reinvents aspects of the text to its audience, brings new meanings and expands on the narrative elements to discuss inequality. We could see that the construction of characters and its social circles is influenced both by the original text and the lives of the fanwriters and readers. Concluding then that the collective writing of *Les Misérables* fanfiction is not only derivative, but transformative, tying the original material to its visual media adaptation and fans' collective construction.

Keywords: Adaptation studies. Fanfiction studies. English language literature.



1. OS MISERÁVEIS: ROMANCE, MUSICAL, FILME, FANFIC

A *fanfiction* é um dos tipos de trabalho derivativo mais conhecidos na chamada cultura de fãs e se caracteriza como ficção escrita de fãs para fãs, tomando como ponto de partida um trabalho de mídia já existente (livros, filmes, música, quadrinhos etc.) ou uma celebridade (com o nome de Real Person Fiction ou RPF). Ela pode ser compartilhada em arquivos *online* ou impressa na forma de zines. Anne Jamison (2017, 9,8%) afirma que *fanfiction* é "escrever essas histórias para uma comunidade de leitores que já querem lê-las, que querem conversar sobre elas e que podem estar escrevendo, também". Com vários anos de história, a *fanfiction* evoluiu para se tornar seu próprio gênero literário, com convenções narrativas e vocabulário específicos.

Neste artigo, estudaremos três produções *fanfiction* do romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, publicado pela primeira vez em 1862. Partindo da teoria da adaptação e da literatura comparada, pretendemos investigar as relações entre a obra-base e os seguintes textos: *philia*, escrito por flybbfly, *world ain't ready*, por idiopathicsmile e *Evergreen*, por lyres. Este artigo se concentra especificamente na comparação da forma como os personagens são construídos nessas produções literárias a fim de demonstrar o trabalho transformativo e adaptativo feito por fãs-escritores. Também buscamos descobrir como a relação entre esses grupos e o texto-base se reflete na *fanfiction*, e como essa produção literária dialoga com o produto que a originou.

Os Miseráveis é um livro no qual Victor Hugo se dedica a representar as desigualdades sociais da sociedade francesa pós-revolucionária do século XIX. Dentre seu imenso elenco de personagens, nosso foco específico é no grupo de estudantes chamado Amigos do ABC. Eles são uma sociedade fictícia que espelha os revolucionários franceses de várias épocas. Rubino-Finn (2014) explica que a intenção de Hugo ao descrever o grupo não é recontar com exatidão a rebelião de junho de 1832, mas sim unir narrativamente a sequência de rebeliões urbanas na França a partir de 1830. Renato Janine Ribeiro, na apresentação da edição brasileira, relata que é a partir da década de 1830 que as revoluções na França se transformam de movimentos políticos para majoritariamente sociais, mobilizando operários a agir contra a burguesia industrial.

Os Miseráveis foi um livro muito aguardado. Antes de sua publicação, Victor Hugo recebeu o equivalente a 2 milhões de dólares pelos direitos do livro, que foi publicado simultaneamente em seis línguas diferentes. Apesar disso, o romance foi recebido de maneiras diversas pelos críticos da época. Alguns conservadores julgaram a mensagem muito radical; alguns progressistas criticaram a assimilação dos protagonistas na alta sociedade ao final. Dependendo da esfera da sociedade, o livro foi considerado



religioso demais ou de menos, perigoso ou inofensivo. Ainda assim, o livro foi citado como inspiração por grupos que participaram da Comuna de Paris alguns anos depois.

Essa universalidade, curiosamente, é um dos fatores que ajudaram a manter *Os Miseráveis* relevante quase duzentos anos após a sua publicação. Hugo recorre à França pós-revolucionária como pano de fundo, mas as injustiças que ele pretende expor são características atemporais de sociedades humanas. Isso não apenas estabelece *Os Miseráveis* enquanto texto canônico, mas também é uma das características da obra que a torna propícia para adaptação:

O romance ressoou profundamente com as crises da modernidade, dos privilégios hierárquicos da sociedade *fin-de-siècle* e o extremismo político da Europa fascista à atmosfera revolucionária dos anos 60 e a concentração de renda na "era dos 99%" do século 21 (Grossman; Stephens, 2015, p. 5. Tradução nossa).

Os Miseráveis foi um romance extensivamente adaptado. Isso se deve, em parte, ao próprio Victor Hugo, que autorizou várias interpretações de seu trabalho ainda em vida e colocou suas obras em domínio público em 1870, por acreditar que o que ele escrevia não era seu, mas sim pertencia ao público (Grossman; Stephens, 2015). Dessas adaptações, a mais popular é a versão em língua inglesa do musical de Boublil e Schönberg, que abre em Londres em 1985 e fecha apenas em 2020, devido à pandemia de Covid-19, reabrindo em setembro de 2021, chegando a quinze mil performances no ano de 2023. A versão em inglês também foi à Broadway, em Nova York, onde a produção original foi encenada por dezesseis anos, entre 1987 e 2003. Rubino-Finn (2014) traça um paralelo entre o livro e a adaptação, argumentando que ambos, apesar de serem grandes sucessos de público, geraram reações mistas da crítica. O musical ganha, por sua vez, uma adaptação para o cinema em seu vigésimo-sétimo aniversário, no ano de 2012. Esse filme, dirigido por Tom Hooper, apresenta a obra para um novo público e gera uma onda de produções transformativas de fãs.

Les Misérables (2012) ressoa com o público - majoritariamente jovem - por uma série de motivos. Alguns deles dizem respeito à universalidade da obra de Victor Hugo, outros têm a ver com o contexto mundial à época do lançamento. No ano de 2012, alguns meses antes da estreia nos cinemas, uma onda de protestos no Oriente Médio se torna conhecida como Primavera Árabe e chama atenção para o poder das redes sociais em distribuir informação e organizar tais protestos. Apenas um ano antes, o movimento *Occupy* protesta a concentração de renda e a influência de grandes empresas no governo. Nos anos seguintes, explode a série de protestos conhecida como Jornadas de Junho no Brasil, e nasce o movimento *Black Lives Matter* nos Estados Unidos, ambos em 2013. Esse contexto político não apenas



torna a história de *Os Miseráveis* mais relevante, mas também é levado em conta pelo diretor, produtores e cinematógrafos:

Uma dica visual perceptível aumenta esse enfoque político. Junto com a designer de produção Eve Stewart, Hooper apresenta o Café Musain - onde a sociedade estudantil ABC se encontra no coração da narrativa - em formato de fatia, para lembrar explicitamente o Flatiron Building da cidade de Nova York. Apenas um ano antes do lançamento do filme, o movimento *Occupy Wall Street* havia começado em Nova York, instigando uma cultura global de resistência ao neo-capitalismo que parece projetar uma sombra sobre o filme na forma dessa alusão visual (Stephens, 2015, p. 201. Tradução nossa).

Além do filme, um concerto em comemoração aos 25 anos do musical e novas edições do romance ajudaram a apresentar *Os Miseráveis* para uma nova geração. Esse *fandom* se organizou, majoritariamente, na rede social Tumblr, que nessa época conquistava uma grande popularidade. O Tumblr se tornou atrativo para fãs por uma série de motivos: a possibilidade de postar qualquer tipo de conteúdo, a organização de postagens por tags, a relativa anonimidade e a opção de criar vários blogs vinculados à conta principal, podendo separar os interesses do usuário. Allegra Rosenberg (2020), em um texto sobre a plataforma, diz que a rede social foi cativante por causa da facilidade de uso e do sistema de busca. Assim, o *fandom* (termo em língua inglesa para "comunidade de fãs") de *Os Miseráveis* pós-2012 se formou num contexto em que vários grupos desse tipo se organizavam online simultaneamente.

O nome da organização dos Amigos do ABC é um trocadilho com a palavra francesa *abaissé*, que significa humilhado. A organização só aparece pela primeira vez no terceiro volume, que acompanha Marius Pontmercy, recém-chegado em Paris e que acaba se juntando ao grupo. Após a morte do influente General Lamarque, os estudantes percebem o potencial de construir uma barricada no dia de seu velório, dando início a uma revolução. Apesar dos esforços dos jovens, todos eles, menos Marius, morrem na barricada.

Hugo ressalta os laços de amizade entre o grupo, sua jovialidade e senso de dever. A organização é assim descrita em sua primeira aparição:

Todos eles eram filhos diretos da Revolução Francesa. Os menos sérios tornavam-se solenes quando pronunciavam esta data: 89. Seus pais segundo a carne eram ou tinham sido *feuillants*, monarquistas, doutrinários; isso pouco importava; a confusão que precedera sua juventude não os afetava; o puro sangue dos princípios corria-lhes nas veias. Ligavam-se diretamente, sem nuances intermediárias, ao direito incorruptível e ao dever absoluto. (Hugo, 2012, p. 677-678)



Os Amigos do ABC se tornam propícios para adaptação, apropriação e atualização por uma série de motivos. Primeiramente, os personagens aparecem por pouco tempo no romance e no musical: quase nenhum deles tem nome completo e alguns personagens nem têm nome ou falas no musical. Essas características criam o desejo de expandir as histórias dos personagens a partir das informações que nos são dadas - o que parece ser a noção básica do que leva autores a escrever *fanfiction*.

A comunidade de *fanfiction* se define como um espaço que dá voz e possibilidades criativas a grupos marginalizados. Verifica-se, portanto, a relevância social e artística dessa atividade. Em um censo realizado com usuários do site *Archive of our Own* - uma plataforma para publicação e arquivamento de *fanfictions* - em 2013, cerca de 80% dos entrevistados eram mulheres, e apenas 38% se identificavam como heterossexuais. Além disso, a média de idade dos entrevistados era de 25 anos. Uma pesquisa mais recente, feita pela equipe do podcast *Fansplaining* em 2017, mostra números parecidos. Não há dados sobre sexualidade, mas 83% dos entrevistados eram mulheres, e a maioria tinha entre 18 e 24 anos. Portanto, podemos inferir que estudar *fanfiction* é estudar as produções de um contexto demográfico que não é comumente representado no cânone literário, e que por muitos anos foi excluído da publicação tradicional - mulheres e pessoas LGBTQ+ jovens.

Nos anos 2010, a *fanfiction* entra no *mainstream*, sendo discutida tanto no meio jornalístico e editorial quanto nos próprios produtos de mídia que a geram. Um reflexo disso é a vitória do Prêmio Hugo, que premia trabalhos de ficção especulativa e relacionados, pelo *Archive of Our Own*, no ano de 2019. Para Casey Fiesler (2019), professora de ciência da informação e membro da organização que constrói o arquivo, a indicação ao Hugo é sinal de um respeito maior tanto pela *fanfiction* como uma forma de arte, quanto pela comunidade que cria e consome trabalhos transformativos na plataforma. Também é uma referência ao início da prática, que se popularizou junto com a comunidade de fãs de *Star Trek* nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970.

É dessa forma, afinal, que se assenta a justificativa para este artigo. Pretendemos dar atenção a tais produções de grupos marginalizados no cânone literário, fomentando a importância da inovação artística e das vozes dessas minorias.

A partir do que já foi exposto, pretendemos analisar de modo comparativo o livro *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, e a *fanfiction* escrita a partir do romance. Para isso, buscamos, em primeiro lugar, analisar a caracterização do grupo de personagens conhecido como "Os Amigos do ABC" em *Os Miseráveis*, relacionando-os com o contexto das rebeliões sociais da França à época da publicação. A partir disso, iremos observar a construção dos mesmos personagens nas *fanfictions* *philia*, *World Ain't Ready* e *Evergreen*, percebendo a influência dos movimentos sociais dos anos 2010 na formação deste grupo.



Nesse sentido, entendemos que os objetivos deste estudo dialogam com a crescente atenção que a *fanfiction* tem adquirido ao longo dos anos, e essa popularização ganha relevância literária e social, ao observarmos as vozes minoritárias que compõem a autoria e o público da *fanfiction*.

2. ESTUDANDO A FANFICTION

A *fanfiction*, assim como outros aspectos da cultura de fã, é alvo de dúvidas e controvérsias desde sua popularização nos anos 1970 e 1980. Algumas dessas controvérsias acabam se tornando famosas na sociedade em geral, como as declarações anti-fanfic da autora Anne Rice e o sucesso de vendas da série *Cinquenta Tons de Cinza*, que foi originalmente uma *fanfic* da série de romance paranormal *Crepúsculo*. Com esses casos e vários outros, surgem questionamentos dentro e fora da academia: como caracterizar a *fanfiction*? É plágio usar a propriedade intelectual de outras pessoas para escrever suas próprias histórias? Obras de *fanfiction* são adaptações legítimas do material original ou apenas textos derivativos?

A adaptação é um fenômeno cultural que se faz cada vez mais relevante nos estudos de mídia nos últimos anos. Vários autores, especialmente no começo do século XXI, se dedicaram a estudar a adaptação intermédias de obras literárias. Uma delas, Linda Hutcheon (2013, p. 28), define a adaptação como uma “repetição sem replicação”:

Em resumo, a adaptação pode ser descrita do seguinte modo:

- Uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis;
- Um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação;
- Um engajamento intertextual intensivo com a obra adaptada.

Assim, a adaptação é uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária - ela é a sua própria coisa palimpséstica (Hutcheon, 2013, p. 30).

O conceito de adaptação de Hutcheon pode ser um pouco restritivo, já que ela não considera que obras como sequências ou *fanfictions* sejam adaptações. Para a autora, o desejo de adaptar vem da vontade de contar a mesma história de um modo diferente, e não a continuar. Outra estudiosa, Julie Sanders (2006), define a adaptação de maneira mais ampla. Ela afirma que a função de um texto adaptado seria a de prolongar a experiência da apresentação original, relacionando o novo produto com uma memória pré-existente (Sanders, 2006, p. 24). Desse modo, a adaptação seria um comentário sobre o texto original:

A adaptação está frequentemente envolvida em fazer um comentário sobre um texto-base. Isso se consegue, quase sempre, oferecendo um ponto de vista revisado



do "original", adicionando motivações hipotéticas, ou dando voz aos silenciados e marginalizados (Sanders, 2006, p. 18-19. Tradução nossa).

No contexto das *fanfictions*, essas motivações para adaptar se mostram extremamente relevantes. Sendo uma forma alternativa de literatura, produzida majoritariamente por mulheres, pessoas LGBTQ+ e pessoas racializadas, a *fanfiction* se torna um meio de revisar os textos-base. Ela faz isso tanto adicionando detalhes a tópicos do enredo, que foram subdesenvolvidos pelo autor, quanto representando grupos que estão ausentes nesses textos.

Nas *fanfictions* de *Os Miseráveis*, podemos verificar as duas motivações de Sanders: segundo dados do site *Archive of Our Own*, a maioria das *fanfictions* do livro gira em torno do grupo *Os Amigos do ABC*. Apenas 12% dos mais de vinte e três mil trabalhos na plataforma envolvem os personagens principais do musical, Jean Valjean, Javert e Fantine. Essas *fanfictions* servem tanto para adicionar detalhes a esses personagens secundários, quanto para representá-los de formas diferentes do texto original – muitas *fanfictions* giram em torno de relacionamentos homoafetivos entre esses personagens, e alguns deles são comumente representados como não-brancos.

Adicionalmente, ao discutir os textos numa perspectiva relacional, Sandra Nitrini (2015) apresenta a conceituação feita pelos principais estudiosos comparatistas sobre influência, originalidade, plágio e intertextualidade. Podemos relacionar com esta pesquisa as teorias do intertexto, que têm em Julia Kristeva uma de suas maiores influências. Para ela,

A linguagem poética surge como um diálogo de textos. Toda sequência está duplamente orientada: para o ato da reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato da somação (a transformação dessa escritura). O livro remete a outros livros e, pelo processo de somação, confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando assim a sua própria significação (Nitrini, 2015, p. 162-163).

A *fanfiction* se situa neste patamar dialógico porque é uma mistura de outros textos. Além do *canon*, os autores se voltam para certas convenções narrativas, como o universo alternativo (*Alternate Universe* ou AU), e recursos narrativos de histórias românticas. As *fanfictions* analisadas, por exemplo, se localizam todas no AU contemporâneo - categoria majoritária no fandom. Além disso, o corpus de *fanfictions* de *Os Miseráveis* se volta não apenas para o livro, mas também para suas centenas de adaptações, gerando um diálogo entre obras que influenciam outras e que, por fim, foram influenciadas por uma obra-base.



Além de Nitrini, Sanders (2006) também discute a questão do plágio em processos de adaptação e apropriação. A autora aponta que a preocupação com originalidade nasce com as sociedades capitalistas e o conceito de direito autoral. Para isso, Sanders traz a interpretação de outro autor:

Robert Weimann diz nesse ponto em sua observação que: “em sociedades pré-capitalistas a distância entre o ato do poeta de apropriar um texto ou tema e seu próprio produto intelectual ou propriedade é muito menor; [...]” (1998: 434) Isso é um questionamento da propriedade influenciado, em seu centro, pelo marxismo, mas é importante adicionar que, em seu volume sobre Literatura nessa série, Peter Widdowson afirma que a escrita “revisional” é uma categoria fundamental do que categorizamos como literário. (1999) (Sanders, 2006, p. 34).

Essa ideia de escrita revisional também está presente na *fanfiction*, como discutido acima: tanto na atitude de reescrever, ressignificar e reimaginar acontecimentos do material de base quanto no uso de convenções de escrita que se distribuem entre fandoms diferentes e ao longo dos anos. Alguns acadêmicos dos estudos de *fanfiction*, como McCain (2014), ecoam as reflexões de Sanders e descrevem esse processo como uma retomada da agência do consumidor sobre o produto:

O objetivo de invadir é remover as histórias de um ambiente de consumo altamente controlado e colocá-las nos “corpos auto-governados” do fandom (Mayer Schonbergerger). Então, para fãs, escrever não é a “operação solipsística” descrita por Walter Ong e a “originalidade” raramente é alcançada sentando-se sozinho em uma mesa. O ato de deliberadamente criar histórias a partir de outras - e então criar mais histórias a partir destas - não é apenas divertido e trabalhoso (por mais que seja isso também), mas é antes de tudo uma necessidade. É uma maneira de retomar a agência do consumidor, de voltar para uma época - geralmente os tempos dos mitos - em que a contação de histórias era um trabalho comunitário que abarcava gerações, em vez de (supostamente) solitário (McCain, 2014, p. 17).

Ao comparar as descrições de trabalhos adaptativos e *fanfictions*, podemos estabelecer a *fanfiction* como um gênero literário construído coletivamente. Contar histórias a partir de outras histórias ecoa a prática comunitária que existiu antes de preocupações com direito autoral, e também é uma prática de análise do texto original. Logo, a escrita e leitura de *fanfiction* desafiam a noção do “consumidor” de mídia que apenas recebe passivamente o conteúdo.

As características de *Os Miseráveis* também são observadas em outra comunidade de fãs baseada em um musical: a de *O Fantasma da Ópera*. Também baseado num livro francês, o musical de Andrew Lloyd Weber se tornou um dos mais famosos da história da Broadway, ficando 35 anos contínuos em cartaz.



Esse musical também atraiu um fandom apaixonado e escritor de *fanfiction*, sujeito de uma análise de Alves e Lopes (2020). As autoras usam a definição de fanfiction como *literatura arcôntica*, ou seja, um texto dinâmico que carrega em si a potencialidade de expansão do texto-base. Assim, numa noção pós-estruturalista, a fanfiction é ao mesmo tempo texto e arquivo.

3. AS FANFICS

Os trabalhos de fanfiction escolhidos para análise foram selecionados por serem uma amostra que contempla as principais convenções narrativas observadas na fanfiction de *Os Miseráveis*. Para tal, utilizamos o sistema de *tags* do site de *fanfic* escolhido – o *Archive of Our Own*. As mais de vinte mil *fics* creditadas a *Os Miseráveis*, livro, musical ou filme, foram filtradas para mostrar trabalhos completos, sem *crossovers* e em língua inglesa. Os três textos de *fanfiction* escolhidos foram todos publicados de forma serial entre 2014 e 2015, sendo eles: *philia*, *World Ain't Ready* e *Evergreen*. As *fanfictions* foram escolhidas por terem tamanhos parecidos (uma média de 14 capítulos) e mais de 10 mil visualizações cada. Além disso, todas elas tratam do relacionamento entre os personagens Enjolras e Grantaire, e as três são escritas em universo alternativo (AU) contemporâneo.

Uma das características mais marcantes do fandom de *Os Miseráveis* é a predominância desse tipo de fanfic, como exemplificado por um post de 2018 que diz:

honestamente, um dos fandoms mais sutilmente caóticos era les mis, porque os modern aus ficaram tão comuns que eles pararam de ser marcados o tempo todo porque as pessoas presumiam que era um modern au. mas ainda tinha textos do período original no meio então você tava numa situação de gato de schrodinger em que todo mundo tá ao mesmo tempo no século 19 e nos dias atuais até alguém pegar um celular (gavrockandroll, 2018. Tradução nossa)

O corpus selecionado para esse trabalho também exemplifica isto: todas as três *fanfictions* situam os personagens no mundo contemporâneo, duas delas os imaginando como estudantes universitários (assim como no livro) e uma como estudantes do ensino médio. Dessa forma, a descrição vaga dos Amigos do ABC se torna uma inspiração em si só, por universalizar os personagens e tornar mais fácil a imaginação deles em um contexto do século XXI.



4. O FANON DE OS MISERÁVEIS

4.1. O UNIVERSO ALTERNATIVO (AU)

Na transposição dos Amigos do ABC para contextos estudantis contemporâneos, o senso dado por Hugo de jovialidade e dever é mantido, porém ajustado para o período em questão:

Éponine dá de ombros. «Eu não sei o que te dizer. Eles são bem unidos. O nome de todo mundo começa com C por algum motivo. Super politicamente corretos em tudo. Eu conversei com um deles depois de cantar semana passada, e ele perguntou meus pronomes antes até de a gente saber o nome um do outro.»

“Bom, isso é bem respeitoso.”

“Tanto faz. Eles são estranhos, sabe? Super nerds, mas alguns deles muito mais festeiros do que editores. Na verdade, se eu não soubesse o que eles fazem lá, eu não saberia que tinha jornal nenhum, eles não parecem estar apenas trabalhando juntos, eu suspeitaria que é tipo uma seita. Barra família estranha.” (Lyres, 2015, p. 47. Tradução nossa).

A citação acima ilustra bem como essas dinâmicas são transportadas e transformadas: os Amigos do ABC (nesse caso, um grupo de editores em um jornal universitário) são descritos por uma personagem como unidos e socialmente conscientes. Ainda assim, já é possível ver uma mudança de foco: em vez de serem descritos como entusiastas de grandes revoluções, eles se destacam pelas visões que são descritas nos últimos anos como “politicamente corretas”. Isso também é possível de se perceber na citação a seguir:

“Então nós pensamos que o que faltava nessa universidade era um grupo de justiça social em geral. Tem organizações para estudantes racializados, pobres, LGBTQA, et cetera - mas nós somos o grupo para tudo que você precisar em justiça social.” Ele sorri para os poucos que riem disso, e Grantaire se pergunta o quanto disso é uma piada autoconsciente (flybbfly 2015, p. 10. Tradução nossa).

Algo interessante sobre o ABC da *fanfiction* é que o grupo é definido por termos vagos como “justiça social”. As histórias podem focar em lutas específicas - direitos LGBT+, igualdade racial, diferenças de classe - mas os membros do ABC participam de uma variedade de eventos e combatem diversas injustiças. Isso evoca tanto o musical de Boubil e Schönberg (a revolução musicalizada de *Les Mis* é sobre o conceito abstrato de “liberdade”) quanto o mundo vivido pela comunidade que produz e consome *fanfiction*: ser um ativista no século XXI ultrapassa fronteiras geográficas e requer atenção constante a diferentes causas.



As the meeting begins, Courfeyrac gives him a quick lowdown on how the ABC works. 'You caught us on the first meeting of the month,' he whispers. 'That's probably the most interesting one. Everybody gets three minutes to make the case for their favorite cause, and then we vote on what we work on for the next month.' In theory, no one person is in charge—everything is strenuously democratic—but Grantaire is willing to bet that, in practice, everyone lets Enjolras speak a few minutes longer.¹ (idiopathicmile, 2015, p 18)

A dedicação extensivamente inclusiva do ABC da *fanfiction* influencia a própria organização dos grupos que são retratados nas histórias. A citação acima é um exemplo: todo o funcionamento do grupo se baseia em dar oportunidades iguais de voz e voto aos seus participantes. No entanto, como aponta o narrador na citação acima, o modelo democrático e horizontal do grupo nem sempre é seguido. Esse é um aspecto interessante do ABC do século XXI: os personagens estão constantemente revendo as suas práticas e sendo alertados de suas contradições em potencial. Isso reflete a dinâmica de ativismos contemporâneos, fortemente influenciada pelas redes sociais.

4.2. A REPRESENTATIVIDADE PELA ADAPTAÇÃO

As considerações acima apresentadas não implicam que a *fanfiction* dos amigos do ABC apenas corrobora o cânone; na verdade, a interpretação dos fãs se torna crucial em amenizar desigualdades identificadas no texto por leitores contemporâneos. O que a *fanfiction* nos apresenta, dessa forma, não é uma sociedade idealizada que ostenta uma utopia de justiça social, mas uma estrutura por vezes imperfeita que, ainda assim, inclui diversos grupos de indivíduos cuja representação pode estar subdesenvolvida em obras-base.

A sociedade dos Amigos do ABC, como descrita por Victor Hugo, é exclusivamente masculina. O autor chega a dizer que "Nenhuma mulher era admitida naquela sala [a sala secreta do café Musain], com exceção de Louison, a copeira do café [...]" (Hugo, 2012, p. 685). Essa configuração difere do ABC da *fanfiction*, que é escrito coletivamente por mulheres em sua grande maioria e ocorre num contexto em que mulheres possuem mais direitos do que no século XIX.

A presença feminina é conseguida de maneiras diversas na *fanfiction*. Alguns artifícios são usados em vários fandoms: reescrever os personagens em outro gênero (prática conhecida como *genderswap*

¹ Enquanto a reunião começa, Courfeyrac explica rapidamente como o ABC funciona. "Você nos pegou na primeira reunião do mês" ele sussurra. "Essa é provavelmente a mais interessante. Todo mundo ganha três minutos pra defender a sua causa favorita, e a gente vota no que vamos fazer pelo próximo mês." Na teoria, ninguém está no comando - tudo é incansavelmente democrático - mas Grantaire aposta que, na prática, todo mundo deixa o Enjolras falar alguns minutos a mais.



ou *genderbending*) ou adicionar personagens originais (conhecidos como OCs). Apesar de isso acontecer no fandom de *Os Miseráveis*, a solução preferida é incluir no grupo personagens femininas já existentes no cânone. Além das personagens Cosette Fauchelevent e Eponine Thénardier, que são proeminentes tanto no livro quanto no musical, há a adição da personagem Musichetta. Ela não aparece no musical e é mencionada apenas duas vezes no livro, como a amante dos personagens Joly e Bossuet.

Além disso, as sexualidades desviantes também têm uma representação expressiva nas histórias analisadas. A *slashfic*, nome dado às *fanfictions* com relacionamentos entre homens, é uma grande parcela do corpus de *Os Miseráveis* e da fanfic como um todo. Ao falar do surgimento do slash, nas *fanfictions* de *Jornada nas estrelas*, Anne Jamison explica que

Um relato comum da evolução de *slash* explica que as fãs mulheres queriam explorar as possibilidades de uma relação romântica ou sexual no contexto de um relacionamento complexo e de longo prazo entre iguais: uma estrutura que a cultura *mainstream* não oferecia em lugar nenhum e certamente não em *Jornada nas estrelas*. A série permitia a possibilidade de um relacionamento, mas seus modelos de intimidade, confiança e amor sustentados eram entre homens (Jamison, 2017, 19,85%).

Esse tipo de relacionamento está presente nas três fanfics analisadas: todas elas têm como principal *ship* (relacionamento romântico) Enjolras e Grantaire. Nos textos-base, Enjolras é representativo da “lógica da revolução”, carismático e apaixonado pela ideia da república. Grantaire é o único cético do grupo, boêmio e irônico. Segundo os fãs, essa conexão é sustentada pelo próprio texto de Hugo. Ao apresentar os Amigos do ABC, Hugo compara os dois aos personagens gregos Orestes e Píldes, descrevendo Grantaire como alguém que é “o reverso de Enjolras”, cuja existência tem sentido por causa do outro. Os dois personagens morrem, juntos, na barricada.

No entanto esse cético tinha um fanatismo. Não era nem uma ideia, nem um dogma, nem uma arte, nem uma ciência; era um homem: Enjolras. Grantaire admirava, amava e venerava Enjolras. A quem se ligava esse anarquista descrente em toda aquela falange de espíritos absolutos? Ao mais absoluto dentre eles. De que modo Enjolras o subjugava? Pelas ideias? Não. Pelo caráter. Fenômeno muitas vezes observado. Um cético que se une a um crente é tão simples como a lei das cores complementares (Hugo, 2012, p. 718).

Aquilo pisca para ele, grandes olhos azuis escuros fincados sobre um nariz reto e maxilares que Grantaire pensa que poderiam lhe dar um hematoma. Ele lista na sua cabeça as criaturas míticas que essa coisa poderia ser – é quase como um druida, ou um centauro que ganhou pernas humanas. Ou ele é deus como humano. Talvez ele



seja um Bernini afinal, mais como o Apolo dele que o de Michelangelo. Grantaire quase vê a divindade brilhando nele, uma aura dourada tão radiante que é quase feia. Ele engole em seco (Flybbfly, 2015, p. 5. Tradução nossa).

Além desse relacionamento, as *fanfics* de *Os Miseráveis* são povoadas por relacionamentos LGBTQ+. Nas três *fanfics* selecionadas, há relacionamentos secundários entre outros personagens masculinos, apesar de não serem sempre indicados nas *tags* do trabalho. Isso indica uma explicação além da indicada por Jamison para a existência do *slash*: além do desejo de ver “relacionamentos complexos entre iguais”, as escritoras de *fanfic* de *Os Miseráveis* desejariam representar um microcosmo em que relacionamentos LGBTQ+ são parte do cotidiano. Novamente, isso mostra fãs-escritores transpondo esses personagens para o contexto contemporâneo, já que, no ano de 2015, quando as *fanfics* citadas foram publicadas, foi aprovado o casamento homoafetivo nos Estados Unidos, gerando uma onda de conscientização e ativismo LGBTQ+.

Assim, podemos perceber que, no fandom de *Os Miseráveis*, o *fanon* cumpre a função de dar novos sentidos a informações presentes no texto original. Esses sentidos podem, inclusive, tentar reparar desigualdades que hoje se mostram presentes no texto, como no caso da existência de mulheres no grupo. Essas interpretações do fandom não acontecem, no entanto, apenas por uma necessidade de representação do demográfico escritor de *fanfiction*; elas são importantes para transportar o grupo revolucionário para o século XXI, época marcada pela difusão do ativismo feminista e LGBTQ+.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, estudamos três *fanfictions* do romance *Os Miseráveis*, com enfoque na maneira como elas se relacionam com a obra em que são baseadas. Um de nossos objetivos principais foi comparar tais obras para compreender como a adaptação do romance ocorre nos textos escritos por fãs.

Ao longo da pesquisa, encontramos conceitos que nortearam nossa leitura dos textos de ficção, como adaptação transcultural, apropriação, intertexto, *canon* e *fanon*. Essas ideias nos levaram a entender a *fanfiction* como seu próprio gênero literário que se desenvolve por meio de um trabalho de adaptação da(s) obra(s) em que se baseia. A principal característica desse gênero literário é a coletividade, que se estende desde a comunidade de escritores-autores até a construção de um fanon, concepção coletiva de aspectos da história ou da caracterização. Assim, podemos reforçar a hipótese já exposta neste artigo: as histórias baseadas em *Os Miseráveis* não são apenas expansivas, e sim transformativas.



O *fanon* tem um papel importante nas histórias de *Os Miseráveis* e na construção de universos alternativos. As *fanfictions* em AU contemporâneo pegam emprestados fragmentos do romance de Victor Hugo e das suas centenas de adaptações, além das ideias de outros fãs sobre como esses personagens se comportariam no século XXI. Estudando dois casos específicos – a organização dos grupos de luta social da *fanfiction* e as questões de gênero e sexualidade – verificamos a influência do fanon, das obras-base e da própria sociedade vivenciada pelos autores nesses textos. Assim, entendemos que as *fanfictions* de *Os Miseráveis* são adaptações transculturais e transformativas do romance e suas outras versões (filme, musical, série, entre outros).

REFERÊNCIAS

ALVES, C. G.; LOPES, M. I. V. de. Fanfiction como adaptación: el caso de El Fantasma de la Ópera. **Comunicación y Sociedad**, v. 17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.32870/cys.v2020.7561>. Acesso em: 08 jun. 2024.

BURWASSER, L. **Canon and Canons**. Disponível em: https://web.archive.org/web/20021201120858fw_/http://www.geocities.com:80/workingstiffsfanfic/articlesfr/frcanon.html. Acesso em: 13 de abril de 2019.

CENTRUMLUMINA. AO3 Census Masterpost. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200707191232/https://centrumlumina.tumblr.com/post/63208278796/ao3-census-masterpost>. Acesso em: 13 abr. 2019.

FANLORE. L. A. de L. **Fanlore**. Disponível em: https://fanlore.org/wiki/Les_Amis_de_l%27ABC. Acesso em: 05 set. 2020.

FIESLER, C. **Why Archive of our Own's Surprise Hugo Nomination is Such a Big Deal**. 2019. Disponível em: <https://slate.com/technology/2019/04/archive-of-our-own-fan-fiction-2019-hugo-nomination.html>. Acesso em: 13 abr. 2019.

FLYBBFLY, P. **Archive of our Own**. 2015. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/3766021/chapters/8365750>. Acesso em: 3 abr. 2019.

GAVROCKANDROLL. "tbh one of the more subtly chaotic fandoms was les mis...." **Tumblr**. 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180418073745/http://gavrockandroll.tumblr.com/post/172847220281/tbh-one-of-the-more-subtly-chaotic-fandoms-was-les>. Acesso em: 12 ago. 2020.



GROSSMAN, K.; STEPHENS, B. (org.). **Les Misérables and its Afterlives**: between page, stage and screen. Nova York: Routledge, 2015.

HUGO, V. **Os Miseráveis**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

HUTCHEON, L. Trad. André Cechinel. **Uma teoria da adaptação**. 2ª edição. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

IDIOPATHICSMILE. World Ain't Ready. **Archive of Our Own**. 2015. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/2306315/chapters/5074574>. Acesso em: 5 abr. 2019.

KLINK, F. Towards a definition of "*fanfiction*". **Fansplaining**. 2017. Disponível em: <https://www.fansplaining.com/articles/towards-a-definition-of-fanfiction>. Acesso em: 14 ago. 2020.

JAMISON, A. (org). Trad. Marcelo Barbão. **Fic**: por que a fanfiction está dominando o mundo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017. Livro digital.

LYRES, E. **Archive of Our Own**. 2015. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/3437582/chapters/7535345>. Acesso em: 7 abr. 2019.

MCCAIN, K. **Canon vs. Fanon**: Genre devices in contemporary fiction. Dissertação de mestrado. Washington: Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences of Georgetown University, 2015.

NITRINI, S. **Literatura Comparada**: História, teoria e crítica. 3ª ed. São Paulo: EdUSP, 2015.

ORGANIZATION FOR TRANSFORMATIVE WORKS. **A03 vence o prêmio Hugo 2019 de Melhor Obra Relacionada**. 2019. Disponível em: https://archiveofourown.org/admin_posts/13534. Acesso em: 03 ago. 2020.

ROSENBERG, A. The Ever Mutating Life of Tumblr Dot Com. **Fansplaining**. 2020. Disponível em: <https://www.fansplaining.com/articles/the-ever-mutating-life-of-tumblr-dot-com>. Acesso em: 02 set 2020.

RUBINO-FINN, O. **"A few pages of history"**: Les Misérables in the Nineteenth-Century French Imagination. Monografia. Universidade Rutgers, Nova Jersey, 2014.

SANDERS, J. **Adaptation and appropriation** (the new critical idiom). EUA, Canadá: Routledge, 2006.

THOMAS, B. Canon and fanons: literary *fanfiction* online. **Dichtung Digital**, 2007.